

O GÊNERO CRÔNICA E A PRÁTICA ESCOLAR*

Maria Lúcia da Cunha Victorio de Oliveira Andrade**

RESUMO: Com este artigo pretende-se contribuir não só para o estudo do gênero discursivo crônica como também para o melhor aproveitamento deste gênero nas práticas escolares do ensino médio. A crônica é um gênero que apresenta dupla filiação, já que o tempo e o espaço curtos permitem o tratamento literário a temas jornalísticos. Tem do jornal a concisão e a pressa e da literatura, a magia e a poeticidade que recriam o cotidiano. Por essas características e por sua brevidade, a crônica torna-se um gênero peculiar para que o professor possa incentivar e promover estratégias adequadas para o trabalho de produção textual.

Palavras-chave: Gênero Discursivo, Crônica, Ato de Fala, Produção Textual, Ensino.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo busca analisar a crônica sob a perspectiva de este gênero discursivo ser mais bem aproveitado nas práticas escolares do ensino médio. Como se sabe, a crônica é um gênero que apresenta dupla filiação, já que o tempo e o espaço curtos permitem o tratamento literário a temas jornalísticos. Assim, ela tem do jornal a concisão e a pressa e da literatura, a magia e a poeticidade que recriam o cotidiano. Nela se podem apresentar pequenos contos, artigos, ensaios ou poemas em prosa, ou seja, tudo aquilo que informe o leitor sobre os acontecimentos diários. O cronista faz descrições, comentários

Uma primeira versão deste texto foi apresentada no II Congresso Internacional Todas as Letras: Linguagem, em outubro de 2003, na Universidade Mackenzie.

* Universidade de São Paulo.

a partir da observação direta de fatos ou situações sujeitos às marcas do subjetivismo. Desse modo, registrar o elemento circunstancial passa a ser o princípio básico da crônica.

Por essas características e, principalmente, por sua brevidade, a crônica torna-se um gênero peculiar para que o professor possa incentivar, motivar e promover estratégias adequadas para o trabalho de produção textual.

Em 1986, Castilho já propôs uma mudança radical no ensino de língua portuguesa, orientando que se devia partir das funções sociais da língua, “sua face mais visível e circunstante”, para se chegar às categorias abstratas, “a face mais escondida, produto de reflexão do especialista”. Assim, o autor parte da idéia da língua como entidade dialógica e sugere o uso de textos graduados, conforme o tipo de enunciação. Esses textos devem explicitar as formas dialogais, faladas e escritas, diminuindo, ou pelo menos amenizando, a distância que separa as duas modalidades, facilitando o ensino-aprendizagem da língua materna, dado que esse distanciamento ocorre muito mais devido ao gênero textual selecionado do que propriamente em relação às modalidades, conforme já discutiu Marcuschi (2001).

A relevância das formas dialogais, como referencial para o ensino de português, justifica a seleção desses textos para fins de ensino-aprendizagem. É por essa razão que o trabalho com a crônica torna-se um caminho para o estudo da oralidade na escrita.

1 A CRÔNICA COMO GÊNERO LITERÁRIO

Na visão de Sá (1987, p. 10), a crônica, assim como o jornal, nasce, cresce, envelhece e morre em 24 horas. Essa veia jornalística imprime-lhe fugacidade e um traço popular que se opõem ao caráter eterno e elitista do gênero literário. Talvez por essas características a crítica, em geral, a considere um gênero menor.

Ainda segundo o autor, no Brasil a crônica surgiu com Pero Vaz de Caminha, na medida em que ele retratou ao rei de modo subjetivo como era a terra recém-descoberta, os índios, seus costumes, naquele momento de confronto entre a cultura européia e a cultura primitiva, apresentando uma visão mais semelhante à de um cronista do que de um historiador. A partir de Caminha, o registro do elemento circunstancial passa a ser o princípio básico da crônica.

No pé de página da folha de jornal, a crônica era o folhetim, conforme revela Sá (Op. cit., p. 8), ou seja, “uma seção quase que informativa”, na qual se publicavam “pequenos contos, pequenos artigos, ensaios breves, poemas em prosa, tudo, enfim que pudesse informar os leitores sobre os acontecimentos daquele dia ou daquela semana”

Alguns cronistas impuseram ao texto uma sintaxe nova que alterou a estrutura do folhetim, dando-lhe uma roupagem mais literária, na medida em que desvendava o real a partir de uma perspectiva subjetiva do fato com a qual o recriava. Aos poucos o folhetim foi encurtando e ganhando certos traços de algo que é escrito à toa, sem receber muita importância. Depois, recebeu um tom mais leve e encurtou de tamanho, até chegar ao modelo de hoje.

Segundo Antonio Candido (1980, p. 5), não se imagina uma literatura formada de grandes cronistas e acrescenta:

[...] a crônica não é um “gênero maior” [...] “Graças a Deus” – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura [...]. Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural [...].

É esse traço de naturalidade no trabalho com a linguagem que faz da crônica nos dias atuais um gênero textual atrativo e interessante para o início da prática escolar, visto que por meio de uma linguagem simples trata dos fatos cotidianos, auxiliando no estabelecimento da dimensão das coisas e das pessoas, algumas vezes, com um viés humorístico, outras, com lirismo e singularidade.

Graças a essa simplicidade e despretenção, a crônica consegue ser insinuante e reveladora. Assim, acaba como que transformando, segundo Candido, “a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava” (p. 6).

A crônica pode tratar de qualquer tema, aleatoriamente escolhido por seu autor; tal escolha pode transportá-lo da realidade vivida para a realidade enunciada. Na visão de Marchezan (1989, p. 94), até mesmo a falta de um assunto específico pode ser discursivizada, basta que o cronista assim deseje e tenha talento para fazê-lo. Embora aleatórios e assistemáticos, os temas são recorrentes porque repetem o cotidiano, o banal e, por meio dessa repetição, explicitam a própria essência estilística da crônica.

Reflexão do cotidiano revivido estilisticamente, a crônica pode, como diz Martins (1984, p. 74):

Guardar-se em livro, mesmo feita para o jornal. Apresentar-se como coloquial e até popular, e ser mesmo artística sem perder a naturalidade. Ser o oral no escrito. O diálogo no monólogo. Fazer do leitor, ator. Encerrar uma sábia lição, sem desviar-se do comum. Pode fazer pensar, em tom de brincadeira. Pode valer para sempre, embora nascida do agora. Pode restar eterna, ainda que circunstancial. Ser brasileira, sem deixar de existir fora. Pode ser um texto de classe e permanecer como antologia. Pode fazer-se poesia e estar escrita em prosa. Avizinhar-se do conto, sem deixar de ser crônica. Pode até ser tema de tese, sem perder o popular.

Todas essas características dão à crônica o caráter diário que a coloca na intersecção entre o texto jornalístico e o literário, permitindo que o professor de língua materna possa aproveitá-la como um gênero acessível ao trabalho sobre organização e produção textual nas aulas de ensino médio.

2. A CRÔNICA COMO MANIFESTAÇÃO DA ORALIDADE NA ESCRITA

O grande prestígio da crônica é, segundo Antonio Candido, um sintoma do processo de busca da manifestação da oralidade na

escrita, ou seja, do rompimento de elementos artificiais e da aproximação com o traço “mais natural do modo de ser de nosso tempo”

Muitas crônicas apresentam uma característica bastante comum: deixam de ser um comentário expositivo ou argumentativo e tornam-se conversa aparentemente fiada, parecendo pôr de lado a seriedade dos problemas. Entretanto, entram de modo profundo no significado dos atos e sentimentos humanos e estabelecem uma crítica social.

O cronista busca criar um estilo simples, divertido e breve, mas não deixa de discutir os problemas sociais ou as fraquezas do homem. Na verdade, pode-se aprender muita coisa enquanto se diverte e os traços constitutivos da crônica são, segundo Candido, um meio privilegiado de apresentar ao leitor de modo persuasivo muitos temas que divertem, atraem, inspiram e fazem o indivíduo amadurecer a sua visão de mundo.

2.1 A crônica como um conjunto de atos de fala

Com o intuito de explicitar os mecanismos que simulam a oralidade no texto escrito, busca-se por meio da crônica identificar atos de fala e sua manifestação, evidenciando situações mais próximas da realidade de nosso aluno.

Na medida em que a crônica é um gênero textual que imbrica linguagem oral e escrita, seu discurso, embora escrito, é analisável a partir do modelo teórico com que se analisa a conversação natural. Para simular a conversação cotidiana, criam-se efeitos de sentido, por meio de elementos gráfico-lingüísticos que visam, de um lado, forjar lacunas sintáticas e, de outro, as preenchem pragmaticamente, equilibrando o discurso por meio de marcas de oralidade que imitam a conversação.

A informação, na crônica, realiza um percurso que envolve a estrutura argumental (sintagma nominal: argumento 1, sintagma verbal: argumento 2 e/ou argumento 3) e que mescla elementos das modalidades oral e escrita. Segundo Fargoni (1993, p. 79), apesar

das dificuldades de transposição do código oral para o escrito, “a crônica articula vinculações com a fala cotidiana, que lhe conferem índices de oralidade, explicitados tanto nos elementos verbais, como nos não-verbais que envolvem a conversação por ela simulada”

Como o objetivo deste trabalho é a manifestação da oralidade, indicaremos a seguir algumas formas de representação da fala na modalidade escrita, tendo como *corpus*, inicialmente, as crônicas “Ter um restaurante” (texto 1) e “Pindaíba” (texto 2), ambas de Ivan Ângelo, publicadas na Revista *Veja*, respectivamente, em 30 de julho e 27 de agosto de 2003:

- a – estruturas elípticas: lacunas morfossintáticas são completadas pragmaticamente
 - (1) – Tem complicação com empregado, isso tem (...)
 - Tem. E tem fiscal mordendo... (texto 1)
- b – estruturas parentéticas: ruptura do tópico discursivo, como o uso de frases parentéticas ou de digressões
 - (2) – Por falar em vinho, e aqueles caras – *é sempre homem* – que fazem pose de quem entende, pedem um vinho caro, tomam um gole, fazem aquela cara, tomam outro golinho como se fosse para confirmar e dizem que não está bom? Não está bom uma pinóia, é vinho novo, dois, três anos, mas eles querem aparecer. Fazer o quê? (texto 1)

O segmento todo é uma pequena digressão (porção textual que desvia o foco de relevância do tópico prévio). A frase *é sempre homem* é parentética, já que é inserida em outra.

- c – uso do par dialógico pergunta-resposta
 - (3) – Nesse nível?- pergunto já preocupado.
 - Nesse nível. E tem os caloteiros. Turma de estudantes, perto do dia 11 de agosto, é encrenca. Você sabe, é o tradicional Dia do Pendura, do pessoal que faz direito. Está acabando, mas ainda tem. (texto 1)

d – uso de gíria, uso de variante coloquial, marcadores conversacionais e onomatopéias

(4) – *Ah*, gente, o pior que *eu acho* é *barraco*, casal que briga. *Aí*, não posso, fico passada. Outro dia, parecia que tudo ia bem na mesa de um casal, pediram até vinho caro e tudo, e, de repente, *plá!*, *ela deu o maior tapa na cara dele*, e *aí* ele empurrou a mesa, derrubou copos, pratos, gritaram insultos, palavrões – um vexame! E como é que você segura um *barraco* desses? Não segura. (texto 1)

No segmento (4), tem-se gíria: *barraco*; marcadores conversacionais: *ah*; *eu acho*; *aí*; e *aí*; variante coloquial: *deu o maior tapa na cara dele*.

(5) O próprio título do texto 2: “*Pindaíba*” é um termo gírio.

(6) “Eu não tenho queixa”, alardeia o nordestino vendedor de ervas, raízes, sementes e chás no Largo da Batata. “Estou vendendo é muito mais, aqui não tem crise. Tem é remédio pra doença “*qualque*”, da cabeça ao “pé”, de piolho a chulé, *pra home*” e “*mulhé*” – completa rimando (texto 2).

Nesse trecho, o cronista busca registrar a fala do vendedor nordestino, procurando inclusive acentuar a peculiaridade de sua pronúncia, como se pode verificar nos termos destacados em itálico.

e – Podemos encontrar ainda outras marcas de oralidade, como, por exemplo

– estruturas parafrásticas: repetição de conteúdo já explicitado;

– estruturas reparadoras: correção de elementos já citados;

– estruturas truncadas: ao verbalizar um tópico discursivo, a personagem pode fazer uso de hesitação, truncamento, pausa, repetição, etc., como se verifica nos termos em destaque no segmento a seguir, que apresenta a fala de algumas personagens:

- (7) Reunião quente no condomínio. Dez em cada 100 moradores não pagam as mensalidades há mais de cinco meses. A briga é contra a divulgação do nome dos inadimplentes no relatório da administradora. Protesta um deles: “Meus filhos estão sendo humilhados, massacrados pelos outros meninos.” Outro: “*Não pode, isso não pode*, ninguém deve ser humilhado por passar dificuldades financeiras!” Uma mulher chora a seu lado: “*Que vergonha, meu Deus, que vergonha.*” (texto 2)

Outro mecanismo que também é uma marca de oralidade e que é bastante encontrado em crônicas é o uso do ato de fala. No texto 3, “Cuide-se, primavera” (em anexo), do escritor Ivan Ângelo, publicado na Revista *Veja*, o autor faz uso do ato de fala de aconselhamento, como estratégia para envolver o leitor.

Na referida crônica, o enunciador dirige-se aos leitores com uma espécie de aconselhamento, provocado pelo início da nova estação: a primavera. Veja-se o início do texto, em que o cronista emprega verbos no imperativo.

- (8) Fiquem espertos, jardineiros, bem espertos. Há namorados assaltando jardins, há damas suspirosas encorajando apaixonados impulsivos a roubar as flores mais belas.

Cuidado, flores. Há tesouras dizimando cabeças inocentes, executando sumariamente margaridas, dálias, agapantos, crântemos, jacintos, rosas, para arrumá-las em outra ordem, chamada buquê, diferente daquela em que as dispôs a natureza.

Atenção, natureza. Chegou a hora de adubar tendências, estimular brotações, encorajar florescimentos, trocar pólenes ao câmbio do dia, enxertar índices, investir nos canteiros de obras, aumentar a produção.

Após a leitura desse trecho, verifica-se que o autor faz uso de um ato de fala de aconselhamento para orientar as pessoas, a fim

de que elas possam estar atentas em relação às demais pessoas, pois estão colhendo flores e alterando a ordem da natureza. Ao mesmo tempo, dirige-se à própria natureza e também às flores, por meio do vocativo – elemento típico da interação oral –, para alertar que é preciso agir e, para isso, usa de verbos como adubar, estimular, enxertar, investir, mas criando um efeito de sentido relacionado ao mundo da economia, pelo uso inesperado de complementos verbais, como: tendências, índices, canteiros de obras.

Contudo, faz uso do léxico por meio de verbos relativos à produção e/ou plantação, mas emprega como complementos verbais termos como: conflitos, desilusões, desordens, evidenciando as alterações e transformações da vida em nossa sociedade.

- (9) Cuidado, produtores. Estão germinando conflitos nos campos sem cereais, estão brotando desilusões nas estufas das fábricas, aflorando desordens nos caminhos, e é preciso, sim, que vocês protejam suas searas contra os predadores, mas também ofereçam um pouco de sombra e água fresca para compensar o esforço dos que fazem nascer. Ponham um refresco no calor de criar.

Na verdade, o enunciador busca alertar a todos, principalmente a primavera que está quase se iniciando, para discutir os problemas do mundo contemporâneo: poluição, efeito estufa, recessão, desemprego, entre outros. E, para concluir, dirige-se ao presidente da república, cobrando os frutos de sua administração no mês de dezembro, próximo ao período em que fará um ano de governo.

Após ler toda a crônica, o leitor observa que o enunciador não usa outros recursos de oralidade além do ato de fala de aconselhamento e do vocativo para dirigir a palavra ao seu interlocutor; entretanto, por meio desse único recurso, o autor consegue criar um texto bastante significativo e representativo do momento em que vivemos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das dificuldades de transposição da modalidade oral para a escrita, a crônica estabelece vínculos com a conversação cotidiana, que lhe confere marcas de oralidade, evidenciados tanto nos elementos verbais, como nos não-verbais que envolvem a situação discursiva por ela simulada.

Como na conversação natural, a crônica pode ser redigida a partir de atos de fala que são mencionados pelo narrador ou mesmo pelas próprias personagens. Por fim, não escapa ao cronista a preocupação com o uso de uma variante coloquial da linguagem, visando a envolver o seu leitor e buscando efeitos de sentido de humor, ironia, emoção, entre outros.

Para concluir, pode-se reafirmar que a crônica é um texto exemplar para iniciar o estudante nos estudos de língua materna e gêneros discursivos, servindo como meio para que o professor possa trabalhar as duas modalidades da língua, suas semelhanças e diferenças, bem como suas condições de produção.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail (1992). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- CANDIDO, Antonio (1980). A vida ao rés-do-chão. Prefácio *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, v. 1.
- ____ et al. (1992). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa..
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de (1986). *Análise da conversação e ensino de língua portuguesa*. Campinas: Unicamp, mimeo.
- FARGONI, Ana Maria Souza Lima (1993). *A manifestação da oralidade na escrita: um estudo da crônica*. Araraquara. Dissertação (Mestrado). UNESP.
- FIORIN, José Luiz (1999). *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática.
- GIERING, Maria Eduarda. Heterogeneidade e organização discursiva: analisando a crônica *Siglas* de Luiz Fernando Veríssimo. In: MONTEIRO DE BARROS, Kazue Saito (Org.) (2002). *Atividades de interação verbal: estratégias e organização*. Natal: Imprensa Universitária UFRN.

MARCHEZAN, Renata M. Facuri (1989). *A gramática fugaz: articulações de sentido na crônica brasileira contemporânea*. Araraquara. Dissertação (Mestrado). UNESP.

MARCUSCHI, Luiz Antonio (2001). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.

MARTINS, Sylvia J. de Almeida (1984). *A linguagem de Drummond na crônica: um estudo lingüístico-estilístico*. Araraquara. Tese (Doutoramento). UNESP.

SÁ, J. (1987). *A crônica*. 3.ed. São Paulo: Ática.

URBANO, Hudinilson (2000). *A oralidade na literatura: o caso Rubem Fonseca*. São Paulo: Cortez.

ABSTRACT: With this article I intend to contribute not only for study of the gender discursive chronicle as well as for the best use of this gender in the school practices of the medium teaching. The chronicle is the gender that presents double filiation, because the short time and the short space allow the literary treatment to journalistic themes. It has of the newspaper the conciseness and the hurry and of the literature, the magic and the poetic that recreate of the daily. For those characteristics and its brevity, the chronicle becomes the special gender the chronicle becomes a peculiar gender through which the teacher can motivate and to promote appropriate strategies for the work of textual production.

Keywords: Gender Discursive, Chronicle, Speech Acts, Textual Production, Teaching.

ANEXO

Cuide-se, primavera ***

Ivan Ângelo

Fiquem espertos, jardineiros, bem espertos. Há namorados assaltando jardins, há damas suspirosas encorajando apaixonados impulsivos a roubar as flores mais belas.

*** Texto publicado na Revista *Veja SP*, 24 de setembro de 2003, p. 114.

Cuidado, flores. Há tesouras dizimando cabeças inocentes, executando sumariamente margaridas, dalias, agapantos, crisântemos, jacintos, rosas, para arrumá-las em outra ordem, chamada buquê, diferente daquela em que as dispôs a natureza.

Atenção, natureza. Chegou a hora de adubar tendências, estimular brotações, encorajar florescimentos, trocar pólenes ao câmbio do dia, enxertar índices, investir nos canteiros de obras, aumentar a produção.

Cuidado, produtores. Estão germinando conflitos nos campos sem cereais, estão brotando desilusões nas estufas das fábricas, aflorando desordens nos caminhos, e é preciso, sim, que vocês protejam suas searas contra os predadores, mas também ofereçam um pouco de sombra e água fresca para compensar o esforço dos que fazem nascer. Ponham um fresco no calor de criar.

Alerta, criadores, para não permitir que se alastrem as pragas da insensatez e as queimadas vorazes da especulação.

Acautelem-se, especuladores, meeiros sem suor. Olhares atentos já estão buscando sua lavra expatriada, trânsfuga protegida pelos espantalhos da política.

Cuidem-se, políticos. Foram vocês que fizeram propagar-se, arrepolhar-se e entouceirar-se os parasitas e as ervas daninhas que sugam a seiva da plantação, vocês que entregaram a lavoura a cabras vorazes, lagartas, sanguessugas, mariposas e gafanhotos, deixando restos para as abelhas operárias.

Vão com calma, operários, trabalhadores, lavradores. Não queiram tirar da terra mais do que ela pode dar, pois ela se esgota, nem menos, pois é manhosa. Saber quanto exige paciência, qualquer dose tem hora certa e ciência para se ministrar.

Fiquem espertos, ministros, em seu cotidiano ministério. O povo plantou nas águas de março e quer flores nesta primavera.

Cuide-se, primavera. Nosso tempo tem tentado destruir a imagem de flores e amores que a acompanha. Seu nome já não acorda nas pessoas apenas aquelas emoções sublimes que levaram Schumann

a compor a sinfonia Primavera ou Vivaldi a compor o mais belo movimento do concerto As Quatro Estações. Agora acompanham seu nome, muitas vezes, as lembranças da primavera européia em que brotou a guerra mundial do fascismo, espalhando sementes das suas flores negras de ódio, ou daquela primavera libertária de Praga, sufocada ao nascer. O próprio clima não ajuda, e já vai ficando difícil reconhecê-la pela aparência, distingui-la entre as estações suas irmãs. Primeiro porque, país tropical, temos flores o ano inteiro. Segundo porque ou o inverno se demora muito além do calendário, com a navalha de seus ventos, ou o verão se antecipa, com seu bafo de maresia. Efeito estufa, queimadas, recessão, poluição, insegurança, desemprego, baixos salários, altos impostos, desmatamentos são alguns dos nomes da conspiração que tenta emudecer pássaros, escamotear borboletas, inibir abelhas, retardar flores, turvar a luz, entristecer semblantes, abafar perfumes, adiar casamentos. Cuide-se, primavera, mantenha funcionando, para a alegria de todos, o concerto de renascimentos ao qual nos acostumamos a vê-la tão bem presidir.

E, atenção, presidente. Depois das flores desta primavera veremos frutos em dezembro.